
A INVENÇÃO DO EGITO ANTIGO: VISÕES DE ALTERIDADE E IDENTIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Josiane Gomes da Silva
UFRN
narizinhoegito@hotmail.com

Durante o século XIX, há uma preocupação em se fazer a História das antigas civilizações. Houve uma crítica a Heródoto e a Plutarco, porque tomavam a História como um gênero literário, ao passo que se aceita a teoria de Tucídides de que a História seria como um bem eterno – conceito incorporado pelos positivistas – com causas e interesses explícitos. Essa História positivista foi criticada no século XX pelos historiadores pertencentes à Escola dos Annales. Marc Bloch, um dos fundadores dessa corrente, propõe uma História Cultural, ou seja, uma história de como a sociedade se organiza, e não uma história econômica, política ou social. Heródoto de Halicarnasso foi o autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V a.c., conhecida simplesmente como As histórias de Heródoto. Esta obra foi reconhecida como uma nova forma de literatura pouco depois de ser publicada. Antes de Heródoto, tinham existido crônicas e épicos, e também estes haviam preservado o conhecimento do passado.

O presente trabalho tem como finalidade abarcar os estudos em relação ao Egito Antigo, mostrar através desta análise como a História, em especial a História antiga, foi construída desde os gregos até a nossa idade contemporânea. Percebendo como a História do Egito Antigo ensinada na atualidade foi desenvolvida ao longo do tempo, e como este estudo contribuiu para o entendimento de questões de alteridade e identidade no ensino de História moderno. As fontes utilizadas para a realização deste trabalho foram às fontes de voltadas para o ensino de história, como livros do ensino fundamental e médio e livros de nível superior, datados de diversos anos mais precisamente dos anos de 1990 até os anos 2000. E fontes voltadas para a pesquisa histórica como os relatos e texto de autores como Heródoto. Por fim este trabalho terá como fonte de interesse mostrar como o ensino de História auxiliado da pesquisa histórica possibilita um melhor entendimento da História. Usando como exemplo a História do Egito Antigo.

Mas Heródoto foi o primeiro não só a gravar o passado, mas também a considerá-lo um problema filosófico ou um projeto de pesquisa que podia revelar conhecimento do comportamento humano. A sua criação deu-lhe o título de "Pai da História" e a palavra que utilizou para consegui-lo, história, que previamente tinha significado simplesmente "pesquisa", tomou a conotação atual de "história". Collingwood afirma que: "Heródoto não limita a sua atenção aos simples acontecimentos, considerando estes acontecimentos, (...) como ações dos seres humanos que tiveram suas razões para atuarem como o fizeram". Mais do que isso, para Collingwood é "claro que a história, para Heródoto é humanista, e não mística ou teocrática". Nestes trechos, fica evidente que Collingwood se dedica a defender Heródoto da "acusação" de fazer uma história religiosa. Para aquele autor, caso ficasse comprovado que Heródoto realizou uma História com determinante religioso seria impossível enquadrar o historiador grego entre os positivistas, o que inviabilizaria o título de "Pai da História".

Dentro de suas expectativas de narrar o que realmente aconteceu, Heródoto vai encontrar suas preocupações com a História recente, mais facilmente verificável e foco de seus interesses. Entretanto, para Carbonell, Heródoto não limita os seus interesses ao passado imediato, buscando em eras remotas as causas dos acontecimentos que estuda no caso as guerras Greco - pérsicas. Todos esses fatores levam Carbonell a afirmar que, com Heródoto, "o tempo do historiador finalmente triunfa. E a história nasce da 'História'. Sim, Heródoto é bem nosso pai".

Alguns historiadores focalizam as práticas e as representações, e é por essa perspectiva que procurarei analisar a sociedade francesa do século XIX, através das obras de dois autores da época, Gustave Flaubert e Jules Mohl. Com a morte de Bloch durante a Segunda Guerra Mundial, a História Cultural somente será redescoberta na década de 1970. Peter Burke (2005) aponta para dificuldade em teorizá-la, bem como seus métodos. A expansão dos impérios francês, britânico, alemão e americano em busca por novas terras na Ásia, África e América Latina. Os estudos sobre a arquitetura, a cultura, como também sobre a fauna e a flora do Egito realizados foram agrupados na enciclopédia *Description de l'Égypte*, iniciada em 1809.

A 18 de julho, suas tropas chegaram ao Cairo. Antes disso, venceram os mamelucos na lendária batalha das Pirâmides, onde, porém, sofreram pesadas perdas.

Em meio ao tiroteio, as balas de canhões franceses destruíram o rosto da esfinge, a sentinela da eternidade.

Como pretexto para invadir o Egito, Napoleão Bonaparte usou o argumento de que queria apenas garantir, por todos os meios, o acesso seguro dos peregrinos a Meca. "Somos amigos dos muçulmanos e da religião do profeta Maomé", disse. Hábil estrategista e mestre em empolgar as tropas lembraram aos soldados, na base das pirâmides, de que eles se encontravam diante de quarenta séculos de história. As suas supostas boas intenções, porém, não convenceram os adversários.

. Somente um ano mais tarde é que Napoleão conseguiu derrotar as tropas turcas em terra, próximo a Abukur. Nomeou o general Kléber para o posto de comandante-em-chefe das tropas francesas no Egito e voltou para casa, escoltado por um guarda pessoal mameluco. O sultão turco Selim 3º, que encarregara os mamelucos do xeque Abdallah al Charkawi de administrar o território egípcio, tentou fazer uma guerra santa contra Napoleão. Suas tropas precariamente armadas, porém, tornaram-se presas fáceis para os franceses, o que não foi o caso dos *destróiers* do almirante inglês Horatio Nelson. Eles conseguiram derrotar a frota napoleônica na baía de Abukur; reconquistaram a rota inglesa para a Índia e fecharam o caminho de retorno de Napoleão para a França

Napoleão tornou-se cônsul-geral. Em 1804, criou o império e coroou-se imperador, com o nome de Napoleão 1º. Foi o fim da Revolução Francesa. Seu governo ditatorial sustentou-se no êxito das guerras e reformas internas, na censura à imprensa e repressão policial. Interveio em toda a Europa, passando a controlar grande parte dos países europeus. Foi temendo a expansão napoleônica que a família real portuguesa fugiu em 1808 para o Brasil. Em 1812, o império napoleônico incorporava 50 milhões dos 175 milhões de habitantes do continente europeu. O que só foi possível parcialmente no Egito, Napoleão logrou inteiramente na França: a ascensão ao poder. Auxiliado por militares e membros do governo, Napoleão Bonaparte derrubou o Diretório a 10 de novembro de 1799, dissolveu a Assembléia e implantou o Consulado, uma ditadura disfarçada.

Nasce em França em 1790 aquele que é considerado o Pai da Egiptologia, Jean-François Champollion. Desde muito jovem mostrou um grande interesse pelo estudo de línguas orientais, e aos 16 anos já conhecia Hebreu, Árabe, Persa, Chinês e várias outras línguas asiáticas. Concluiu que o cóptico, a língua falada pelos cristãos egípcios na

altura, correspondia ao último estágio da antiga língua egípcia, e foi esta a sua grande vantagem sobre o inglês Thomas Young. Com o seu estudo, identificou vários dos caracteres demóticos na Pedra de Roseta, juntamente com os seus equivalentes cópticos. Ao princípio, apesar dos resultados de Young, Champollion estava convencido de que os hieróglifos eram puramente simbólicos.

Diante do grande e antigo Templo de Dendera, no Alto Egito, aqueles quinze homens sentiram-se petrificados. O luar brilhava através do pórtico, iluminando as centenas de hieróglifos e figuras entalhadas nas superfícies de arenito duro do templo. O chefe da expedição, Jean-François Champollion, mantinha um ar de calma, mas estava intimamente admirado. A Europa entrava em contato com o Egito Antigo por meio de textos ou monumentos deixados pela Antiguidade. É através das narrativas dos autores que o outro é visto. Para Célia Marinho, aqueles que conhecemos vêm através dos textos. As representações ocidentais no século XIX criaram o Oriente a partir do conhecimento que foi adquirido através do encontro com as civilizações orientais. Heródoto não podia se desprender da sua cultura grega, sua *Histórias* amplia os interesses dos gregos sobre os outros povos, sobre o longínquo, o fantástico. Freyre afirma que o homem carrega traços determinados pelo meio e grupo social inserido. Segundo Lévi-Strauss “o ambiente que nos cerca faz penetrar em nós, mediante milhares de diligências conscientes e inconscientes, um sistema complexo de referências que consiste em juízos de valor, motivações, centros de interesse.

Desde menino ele havia sonhado com o Egito Antigo. Depois de ter estudado todos os livros sobre o Egito que conseguira, ele passara a conhecer esse país tão bem que vivia nele em seus sonhos e imaginações. Agora, em 1828, esse francês, curador do museu e professor de História, com 38 anos de idade, pisava o solo de uma terra que, embora antes distante, era como um lar para ele. Para os outros homens da expedição, Champollion, com sua pele escura e usando veste e turbante, parecia um habitante daquela antiga região.

Eles o chamavam de "o egípcio". A chave dessa revolução encontra-se agora no Museu Britânico, em Londres. Trata-se de uma pedra de basalto negro, muito desgastada e quebrada, entalhada com três formas de escrita: hieroglífica egípcia, demótica egípcia, e grega. Essa pedra foi descoberta perto da cidade de Rosetta (ou Rashid) — daí seu nome — durante a desastrosa campanha de Napoleão no Egito, em

1799. Embora tenha sido um fracasso militar, essa expedição foi um sucesso arqueológico, já que os 150 eruditos e artistas que acompanhavam o exército de Napoleão catalogaram e desenharam os remanescentes do glorioso passado do Egito.

E tropeçaram em um mundo desconhecido; mas os eruditos perceberam que, assim que fossem decifrados os hieróglifos da Pedra de Roseta, eles poderiam então conhecer alguma coisa daquela antiga civilização. Claramente, os dois textos egípcios eram traduções do grego. Seguramente, eles pensaram, seria simples decifrá-los. Mas não seria assim. Mais de vinte anos de infrutíferas sondagens e conjecturas passariam antes que o erudito francês, Jean-François Champollion pudesse anunciar ao mundo, em 1822, que resolvera o enigma.

Inspirado nas teorias de Charles Darwin (1859) sobre a evolução das espécies de animais. Se uma civilização mais evoluída ou complexa encontra uma primitiva ou selvagem (Idade da Pedra), havia dois posicionamentos: destruí-la, ou adaptá-la aos moldes europeus. Para Mohl, não havia “melhor maneira de servir a ciência” (1879: 389) do que divulgar os estudos inéditos realizados no Oriente. Esses estudos tinham duas utilidades: aumentar o conhecimento do Ocidente sobre o Oriente, divulgando uma literatura, até então inexistente no Ocidente, que era traduzida para a língua do país que exercia o poder sobre tal região e também de “dar um novo impulso a esse movimento civilizador.

Para François Hartog (1999), há diferentes maneiras de construir a imagem do “outro”. Nesta passagem, descrita com ricos detalhes, pode-se observar que Flaubert utiliza uma das categorias apresentadas por Hartog, a inversão, para classificar o outro de bárbaro, pois a crucificação expressaria uma prática que seria uma característica inerente aos povos bárbaros. Claude Lévi-Strauss (1980) usa o termo estruturas de oposição, que são binárias e uma se define pela outra; as pessoas organizam o mundo a partir dessas estruturas. Mas esse processo de classificação funciona como um espelho invertido, pois ao classificar “o outro, classifico-me a mim mesmo”. Burke afirma que a construção das identidades era comum nas notas de viagem. Outra passagem está descrita no livro *Voyage en Égypte* (1985), uma espécie de diário de bordo escrito por Flaubert durante os meses que viajou pelo Egito.

A História Antiga esteve ligada ao exótico, ao distante, porém prazeroso e atraente objeto de estudo e admiração, especialmente no Brasil onde a primeira cadeira

de estudos universitários na área foi fundada apenas na década de 1940, na Universidade de São Paulo. Atualmente temos visto um desenvolvimento muito grande das pesquisas e do ensino deste campo. A situação mudou tanto na forma de compreensão da Antiguidade, quanto em relação aos métodos a serem estudados, aos objetos e abordagens e no tratamento da disciplina em nível acadêmico.

A pesquisa de História Antiga no Brasil tem recebido reconhecimento nacional e internacional. Prova deste ponto é a presença constante de Simpósios Temáticos da área nos encontros regionais e nacionais da Associação Nacional de História - ANPUH, o grande número de congressos específicos de História Antiga em diversas universidades de todo Brasil. O aumento considerável das publicações de textos e livros de importantes pesquisadores, a quantidade de revistas específicas que surgem virtualmente ou impressas a cada dia. O intercâmbio freqüente entre estudantes e professores das universidades brasileiras, as diversas bolsas que pesquisadores da área têm conseguido para estudos no exterior e o aumento das cadeiras dedicadas a professores desta modalidade nas universidades.

Com a abertura política da década de 1980 vemos aparecer um aumento das produções historiográficas. A tendência neste momento será das abordagens marxistas. Os antiquistas acompanharam essa mudança, mas a grande contribuição do momento foi dada a Moses Finley, historiador inglês da Antiguidade de vertente weberiana. Funari e Carvalho (2007, p. 15) nos mostram que Finley que revolucionou a estrutura da análise da História Antiga ao criticar o modelo marxista com suas sínteses totalizadoras transplantadas pelas revoluções. Elucidando a eficácia do conceito de *ordem e status* de inspiração weberiana em detrimento do emprego do conceito de *classe social* no que se refere à interpretação do que seriam os grupos sociais na antiguidade clássica.

Bibliografia

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

- _____. **Cultura Escrita, Literatura e História.** Porto Alegre: Artmed editora, 2001.
- DONADONI, S. **O homem egípcio.** Lisboa: presença, 1994.
- ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, RONALDO. **Domínios da história:** Ensaios de teoria e metodologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia.** São Paulo: Contexto, 2003.
- **Amor, desejo e poder na antiguidade:** relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: UNICAMP, 2003.
- FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo:** Um estudo de representações Históricas.
- GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais: A história da sexualidade humana.** 1 ed. São Paulo: Roca, 1983.
- GIODANI, Mário Curtis. **História da Antiguidade Oriental.** 7 ed. Petrópolis: Voses, 1995.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- Heródotos. **História.** 2 ed. Brasília UNB, 1988.
- JAMES, Thomas G. **Mitos e lendas do Egito Antigo.** 2 ed. São Paulo: melhoramentos, 1987.
- JOHSON, Paulo. **História Ilustrada do Egito Antigo.** 2 ed. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2002.
- LISE, Giorgio. **Como reconhecer a arte egípcia.** Lisboa: Edições 70, 1978.
- MELLA, F. A. Arborio. **O Egito dos Faraós.** 3 ed. São Paulo: Hemus, 1998.
- MEEKS, Dimitri; FAVARD-MEEKS, Chrstne. **La vida de los dioses egipcios.** Madri: Temas de hoy.
- MONTET, Pierre. **O Egito do tempo de Ramsés.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- NOBLECOURT, Christiane D. **A mulher no tempo dos Faraós.** São Paulo: Papirus, 1994.
- TRAUNCKER, Claude. **Os deuses do Egito.** Brasília: UNB, 1995.